
EDITORIAL

Tornava a adormecer, e às vezes não despertava senão por um breve instante, mas o suficiente para ouvir os estalidos orgânicos das madeiras, para abrir os olhos e fixar o caleidoscópio da escuridão e saborear, graças a um lampejo momentâneo de consciência, o sono em que estavam mergulhados os móveis, o quarto, aquele todo do qual eu não era mais que uma parte mínima e em cuja insensibilidade logo tornava a integrar-me. (PROUST, 2006, p. 18)¹

O conhecimento é uma ferramenta curiosa, ao menos enquanto um ponto de contato entre mundos, uma espécie de ponte que conecta diferentes visões e corpos. Existe aqui uma espécie de rede complexa, um suporte disperso que afeta a todos, não importa a distância, ou até mesmo o tempo. Talvez melhor do que pensar no conhecimento como um recurso possuído por alguns, uma boa estratégia é pensar seus contornos dentro de um fluxo relacional, envolvendo não apenas pesquisadores concretos, mas signos, instrumentos de pesquisa, arquivos, conflitos, etc. Existe aqui um universo difuso, difícil de ser contido em algum conceito, ou mesmo personificado em alguma figura ou em algum texto genial.

Sem certas condições espirituais e materiais de existência, sem um certo alicerce de fundo, nenhuma forma de conhecimento nasce e se reproduz, nem mesmo enquanto potencialidade. A figura do gênio e sua fantasiosa criação espontânea, são aqui deixados de lado, excluídos de cena, ao reforçar a ideia de que mesmo um autor, longe de ser apenas uma célula autônoma pairando ao redor de um papel, tela ou partitura, nada mais é do que um ponto, um instante, dentro de uma complexa rede societal. O papel de uma revista acadêmica, como a *Prelúdios*, por exemplo, não é apenas a publicação, ou mesmo a troca de materiais; isso é o que qualquer documento impresso ou eletrônico poderia fazer. É preciso também, além disso, alargar essa mesma rede, conectar pontos, possibilitar encontros, permitindo que pesquisadores de diferentes temas, em lugares sociais distintos, com ideias diferentes, possam cruzar caminhos, levantando novos argumentos, ao criar novas possibilidades de diálogo. Assim, permitindo

¹ PROUST, M. *Em busca do tempo perdido*: no caminho de Swann. São Paulo: Ed. Globo, 2006.

que os encontros ganhem vida, e saiam do campo do impossível, a *Prelúdios* se torna um ponto de contato de fluxos de conhecimento.

Nessa 6ª edição, como é possível perceber nos artigos e textos que seguem, essa proposta continua sendo um elemento decisivo, na tentativa de ampliar as fronteiras do conhecimento. Desde artigos cuja análise parte e encerra-se nos aspectos teóricos, até pesquisas empíricas, essa edição instaura um campo complexo de debates, garantindo ao leitor um interessante panorama de ideias, além de reflexões diversas no campo das Ciências Sociais. O percurso de uma leitura depende de quem a lê, assim como das condições de sua apreensão, seus bastidores. O leitor, nesse universo, nessa rede, vê a si mesmo afetado por várias linhas de força, tocado em algum ponto que o movimenta para a pesquisa, para reflexão sobre o mundo e as coisas, ou mesmo para o agir.

Já que é impossível determinar os contornos concretos dessa mesma rede, pelo menos é preciso criar um espaço dinâmico, elástico, e por isso capaz de questionar a si mesmo quando necessário. Essa é a proposta da 6ª edição da *Prelúdios*, ou seja, garantir um ponto de encontro, um outro espaço de diálogo, ainda que não necessariamente um espaço de consenso. Quem sabe os leitores, por meio dos dissensos, encontrem convergências em uma conjuntura social de tamanha complexidade.

Para Bergson Moraes Vieira, autor do artigo “Funcionamento do movimento ambientalista em Sergipe nas décadas de 1980 e 1990: um estudo a partir do Mopec”, a ambiência internacional criada a partir de 1970, sobretudo a partir da conferência de Estocolmo (1972), quando os movimentos sociais de defesa do meio ambiente passam a pautar a agenda política nacional, consolida a agenda ambientalista, inserindo ONG, grupos e movimentos na centralidade dos debates sobre o tema. Diante dessa premissa, observa ainda as limitações impostas pelo regime militar da época, e mesmo posteriormente, a indefinição de uma agenda comum proporcionou o fenômeno da cooptação. Assim, o autor nos insere nos caminhos tomados pelo movimento ambientalista em Sergipe após a redemocratização política. O estudo concentra-se nas décadas de 1980 e 1990, a partir do Movimento Popular Ecológico (Mopec).

No artigo de Gicele Sucupira Fernandes, autora de “Entre o chute, o xadrez e a espera há a conversa: notas sobre uma pesquisa nas Olimpíadas de Matemática em Santa Catarina”, existe uma experiência etnográfica interessante, na qual observou as questões de gênero e geração a partir da Olimpíada de Matemática, em Santa Catarina. Neste evento, a autora nos apresenta um espaço de disputas, desafios, adivinhações, em que as crianças performam as relações

de gênero e geração, e são igualmente parte de um projeto político compartilhado que envolve famílias, profissionais da educação, e elas mesmas.

O pesquisador Antônio Mateus Soares, autor de “Notas sobre a Habitação Social em Salvador no final do século XX: padrão de inserção e anseios populares”, empreende um esforço interessante de pesquisa, ao buscar compreender as formas de inserção urbana de três conjuntos habitacionais construídos nas duas últimas décadas do século XX em Salvador (Conjunto Loteamento Vale das Dunas, Conjunto Viver Melhor/Ogunjá, e o Conjunto Nova Primavera). Observando a diversidade locacional e social dos três equipamentos habitacionais, o autor analisa ainda o envelhecimento prematuro da infraestrutura. O autor também sugere os contornos da política habitacional da década de 1990 em Salvador, o distanciamento destes projetos com os beneficiários diretos e a ausência de participação popular no processo decisório.

O artigo “Uma ‘proto’ teoria social? Trabalho hermenêutico sobre *Comentários Reales*, de Garcilaso de la Vega (1539-1616)” oferece uma sistematização da obra do intelectual peruano Garcilaso de la Vega, partindo do pressuposto metodológico de que, nos escritos de la Vega, existem elementos que possibilitam uma elaboração teórica sobre o social. As reflexões de la Vega sobre desenho moral das relações sociais na modernidade e representação sobre o tempo, por meio da narrativa da trajetória do povo Inca, possibilita o intercruzamento de vários temas da teoria social.

Ainda no campo dos estudos teóricos, Paula Boarin discute o vínculo entre liberalismo e democracia, tema recorrente nos estudos de ciência política, em seu trabalho “Liberdade na igualdade ou igualdade na liberdade? Notas sobre o liberalismo e a democracia na teoria política moderna”. Partindo da premissa teórica de que os temas “liberdade” e “igualdade” são concernentes ao liberalismo e democracia, respectivamente, como valores indissolúveis, ela busca descrever como Locke, Madison, Tocqueville, Mill, Weber e Marx elaboraram suas interpretações políticas e as concepções de Modernidade. Boarin apresenta apontamentos de pesquisa em torno do tema, expressando a dificuldade teórico-prática da resolução empírica dessa dualidade teórico-metodológica, qual seja: liberdade na igualdade ou igualdade na liberdade. Por fim, conclui analisando a indissociabilidade dos temas, e questionando a Teoria Política para oferecer, a partir dessas questões, respostas a práticas políticas.

Essa edição conta ainda com a tradução do cientista social Thiago Araújo Pinho da “Introduction: Deleuze and the social: Is there a D-function?” parte do livro *Deleuze and the Social*, de Martin Fuglsang e Bent Meier Sørensen. Neste trabalho, os autores analisam o pensamento deleuziano e sua repercussão nas

ciências sociais. O que acontece, na teoria sociológica, quando a linha deleuziana aparece no horizonte? Qual tipo de linguagem surge e, principalmente, como o cientista social vai definir a si mesmo a partir de agora? Esse ensaio é uma ótima forma de pensar em novas alternativas de pesquisa, além de novas maneiras de compreender o mundo.

Como ressaltamos inicialmente, a interlocução entre os diversos temas, concepções teóricas e abordagens metodológicas, é uma tarefa daqueles dispostos a refazer as teias e redes de conexões e encontros. O conselho editorial da revista *Prelúdios* espera oferecer, com a 6ª edição, uma oportunidade aos leitores de estabelecerem elos com seus propósitos sociais, pessoais, de pesquisa e ação, a partir do conhecimento de distintas vertentes de análise.

A todos, uma boa leitura.

Danilo Uzêda
Conselho Editorial